

*Os trotskistas frente à
Aliança Nacional
Libertadora e aos
levantes militares de
1935*

Proletarios de todos os paizes, uni-vos!

A Lucta de Classe

Orgão Central da Liga Com-
munistã—Internacionalista
(Bolcheviques—Leninistas)

JUZ DE FORA, 25 DE JUNHO DE 1935
— ANNO V — N. 25 —

Secção Brasileira da Liga Com-
munistã—Internacionalista
(Bolcheviques—Leninistas)

A Aliança Nacional Libertadora e a Con-
fusão do Movimento Operario

A Aliança Nacional Libertadora é uma tentativa de crear no Brasil uma corrente intermediária entre o movimento revolucionario proletario e o "Partido" ou "movimento", o facto é que a A. N. L. é uma organização politica destinada a arrastar as massas por determinados individuos.

OS TROTSKISTAS FRENTE À ALIANÇA NACIONAL LIBERTADORA E AOS LEVANTES MILITARES DE 1935

RESUMO

Este artigo aborda as análises dos trotskistas brasileiros da Liga Comunista Internacionalista (LCI) sobre a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e os levantes militares de novembro de 1935.

PALAVRAS-CHAVE

Liga Comunista Internacionalista; Trotskismo; Comunismo; Aliança Nacional Libertadora

Miguel Tavares de Almeida¹

OS TROTSKISTAS FRENTE
À ALIANÇA NACIONAL
LIBERTADORA E AOS
LEVANTES MILITARES
DE 1935²

A constituição da Aliança Nacional Libertadora (ANL) e os levantes militares empreendidos por esta organização em novembro de 1935 são, sem dúvida, acontecimentos emblemáticos na história da esquerda brasileira. O Partido Comunista do Brasil (PCB), uma das principais forças constituintes da ANL, evitou, durante muitos anos, discutir sobre os acontecimentos de novembro de 1935 de forma a fornecer elementos que pudessem ajudar a esclarecer as razões que levaram à precipitada ação militar, que acabaria por se transformar em uma das maiores derrotas do movimento operário brasileiro.

A ANL foi constituída a partir de militantes egressos do movimento tenentista, que estavam descontentes com os rumos do governo Getúlio Vargas, alçado ao poder após a chamada Revolução de 1930. Apoiada por diversos setores sociais como sindicatos, associações, partidos políticos (em especial o PCB), a ANL teve rápido crescimento, atingindo em poucos meses cerca de 50 mil filiados. Este rápido crescimento acabou por contagiar diversos setores do movimento — principalmente o PCB —, que entenderam ser possível passar à ofensiva para derrubar o governo Vargas.

O lançamento, em 5 de julho de 1935, do manifesto assinado por Luís Carlos Prestes, presidente de honra da ANL, pregando a derrubada de Vargas e a tomada do poder pela ANL, foi o estopim para o início da escalada repressiva deste governo, que culminaria com o fechamento da ANL e a prisão de diversos

¹ Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo. <migueltavares@uol.com.br>

² Este artigo é baseado no Capítulo 3 de minha dissertação de mestrado: ALMEIDA, M. T. *Liga Comunista Internacionalista: teoria e prática do trotskismo no Brasil: 1930-1935*. 2003. Dissertação (Mestrado em História)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

dos seus dirigentes. Na ilegalidade, a ANL passou a ser hegemonizada pelo PCB, partido que preconizava a tomada do poder pela insurreição armada. Esta acabou por ser iniciada em 23 de novembro de 1935 em Natal (RN), sendo seguida pelas insurreições em Recife (PE) em 25 de novembro de 1935 e no Rio de Janeiro (RJ) em 27 de novembro de 1935. As revoltas logo foram dominadas, com o governo Vargas ampliando a sua escalada repressiva, que acabou por levar à prisão cerca de 20 mil pessoas, além do fechamento de centenas de organizações operárias.

A historiografia sobre a ANL e os levantes militares de novembro de 1935 começou a ser construída, inicialmente, pelos participantes daquele movimento, em sua maioria militantes do PCB, através de livros de memórias.³ Tais obras memorialísticas tiveram importância como relatos factuais daqueles que participaram do movimento, situando suas análises no âmbito dos esquemas adotados por aquele partido. A partir de meados da década de 80, com o fim do regime militar, o clima de liberdade acadêmica proporcionou o início da incursão dos historiadores naquele movimento, contando-se, inclusive, com documentação obtida nos órgãos de repressão política, finalmente abertos aos pesquisadores.

Assim foi surgindo uma nova historiografia, que era ao mesmo tempo crítica e polêmica, pois as diversas obras⁴

³ Sobre as memórias dos diversos militantes que participaram da ANL ver: VINHAS, M. *O partidão: a luta por um partido de massas: 1922-1974*. São Paulo: HUCITEC, 1922; BARATA, A. *Vida de um revolucionário*. São Paulo: Alfa Omega, 1978; CAVALCANTI, P. *O caso eu conto como o caso foi: da Coluna Prestes à queda de Arraes*. Recife: Guararapes, 1980; BASBAUM, L. *Uma vida em seis tempos*. São Paulo: Alfa Omega, 1978; BEZERRA, G. *Memórias: primeira parte: 1900-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979; REIS, D. *A luta de classes no Brasil e o PCB*. São Paulo: Novos Rumos 1981, v 1; LIMA, H. F. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁴ CANALE, D.; VIANA, F.; TAVARES, J. N. (Org.). *Novembro de 1935: meio século depois*. Petrópolis: Vozes, 1985; VIANNA, M. de A. G. *Revolucionários de 35: sonho e realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992; WAACK, W. *Camaradas: nos arquivos de Moscou: a história secreta da revolução brasileira de 1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; PINHEIRO, P. S. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil: 1922-1935*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991; COSTA, H. *A insurreição comunista de 1935: Natal: o primeiro ato da tragédia*. São Paulo: Ensaio,

produzidas a partir desse período refletem análises com posições diversas que têm, de uma forma ou de outra, contribuído para os esclarecimentos de diversos pontos obscuros sobre a ANL e, sobretudo, os levantes militares de 1935.

Apesar de esta nova historiografia refletir de modo crítico os acontecimentos de 1935, ela ficou circunscrita a alguns problemas centrais, como as origens da Aliança Nacional Libertadora, a influência da Internacional Comunista nos acontecimentos e o significado histórico dos levantes militares de novembro de 1935. São em cima destas três questões que se debatem os autores quando se referem à ANL e aos levantes militares de 1935.

Esta historiografia acaba por centrar seu olhar apenas sobre o PCB e a Internacional Comunista, não percebendo a participação de outros atores nestes acontecimentos. Assim são relegadas na historiografia a posição e a participação de correntes importantes no movimento operário da época, como os anarquistas e os trotskistas.

Neste artigo recuperamos as posições e a intervenção política dos trotskistas brasileiros, agrupados em torno da Liga Comunista Internacionalista (LCI). Nosso objetivo é mostrar que no Brasil de 1935 havia um grupo de militantes que, apesar de agrupados em uma pequena organização, produziu análises críticas sobre os acontecimentos daquele ano.

Ao recuperarmos as análises feitas pelos trotskistas, mostraremos o caminho por eles percorrido durante esse processo político. Apresentaremos as suas posições sobre a constituição da Aliança Nacional Libertadora, as críticas relativas às concepções de revolução que estavam embutidas nas suas estratégias, bem como as alianças de classes que eram propostas. Além disso, as divergências dos trotskistas acerca do programa aliancista também merecem destaque.

1995; COUTO, A. L. F. *ANL: uma frente de esquerda nos anos 30*. 1995. Dissertação. (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1995; FONSECA, V. M. M. *A ANL na legalidade*. Dissertação. (Mestrado em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1986; BRANDÃO, G. M. *A esquerda positiva: as duas almas do Partido Comunista: 1920-1964*. São Paulo: HUCITEC, 1997; DEL ROIO, M. *A classe operária na revolução burguesa: a política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.p

Por fim iremos expor as posições dos trotskistas brasileiros durante toda a trajetória da ANL, desde o seu período legal, passando pelo seu fechamento, até a realização dos levantes militares de novembro de 1935. Estes, por sinal, foram objeto de profunda análise por parte dos trotskistas brasileiros.

Esperamos, com este artigo, mostrar aos pesquisadores e ao público em geral que em 1935 havia outras correntes políticas além do PCB intervindo no movimento operário; e que as políticas do PCB, apesar de hegemônicas, sofreram críticas significativas que infelizmente ficaram até hoje relegadas na nossa historiografia.

AS ANÁLISES DOS TROTSKISTAS SOBRE A FORMAÇÃO DA ANL

Passemos agora às análises feitas pelos trotskistas organizados na Liga Comunista Internacionalista⁵ sobre a Aliança Nacional Libertadora. Desde a fundação da ANL os trotskistas procuraram acompanhar de perto este movimento, buscando caracterizá-lo de forma a definir o seu posicionamento diante dessa organização. Nas suas primeiras análises sobre a ANL, publicadas no jornal *A Luta de Classe*⁶, os trotskistas vão caracterizá-la levando

⁵ A Liga Comunista Internacionalista (oposição bolchevista-leninista) foi a primeira organização trotskista surgida no Brasil. Fundada em 21 de janeiro de 1931 por vários militantes que saíram ou foram expulsos do PCB, entre os anos de 1928 a 1930. A maioria destes militantes participou do Grupo Comunista Lenine (GCL), existente entre os meses de maio de 1930 a janeiro de 1931, verdadeiro embrião desta Liga Comunista. Esta se definia como uma fração pública do PCB e fazia parte da Oposição de Esquerda Internacional, liderada por Leon Trotsky. Em maio de 1933, com a ruptura da Oposição de Esquerda Internacional com a Internacional Comunista (IC), ocorre também a ruptura definitiva com o PCB, passando a chamar-se Liga Comunista Internacionalista do Brasil, seção brasileira da Oposição de Esquerda Internacional. Com a repressão desencadeada por Vargas, logo após o *putsch* militar do PCB, a Liga Comunista Internacionalista sofrerá com a prisão de vários dos seus militantes, fato que levará praticamente à extinção desta organização em 1936.

⁶ *A Luta de Classe* foi o órgão oficial dos diversos grupos trotskistas dos anos 1930 (Grupo Comunista Lenine, de maio de 1930 a janeiro de 1931); Liga Comunista do Brasil, de 1931 a 1933; Liga Comunista Internacionalista, de 1933 a 1936; Partido Operário Leninista, de 1936 a 1939 e Partido Socialista

em consideração os seus vários aspectos, tais como as origens, a composição social e o programa político, situando-a assim como fenômeno histórico nos marcos da formação social brasileira. Inicialmente, os trotskistas, analisando a realidade econômica do país à luz da teoria da revolução permanente, mostrarão as relações intrínsecas existentes entre a economia brasileira e o imperialismo, bem como o tipo de revolução que deveria ser buscado com o objetivo de superar os entraves ao desenvolvimento das forças produtivas do país:

A luta por novos mercados é, pois, da essência do capitalismo. Acarreta atrás de si os empréstimos, a aplicação de capitais nos países atrasados, transformando-lhes a economia em economia capitalista. Acarreta, por fim, a intervenção política e o emprego da força, a intervenção armada. A luta contra o imperialismo tem de ser, pois, a luta contra todo o regime capitalista. Toda a tentativa de reduzi-la à expulsão da influência do capital estrangeiro no território nacional — pelo não pagamento das dívidas e pela expropriação das empresas estrangeiras — é uma utopia reacionária, contrária ao caráter internacional da economia capitalista e à realidade econômica que liga indissoluvelmente capitalismo e imperialismo como fenômenos inseparáveis. O imperialismo é uma tendência inata ao capitalismo e que com ele se desenvolve. É, pois, impossível extinguir o imperialismo sem destruir o capitalismo, abolir a propriedade privada dos meios de produção.⁷

Para os trotskistas, que baseavam as suas políticas nas análises feitas por Trotsky sobre a revolução permanente, o processo revolucionário não se daria por etapas, como advogava o PCB, mas como um processo continuado, onde a luta contra o imperialismo e pela democracia política, pela revolução agrária e a independência nacional, não estavam separadas da luta pelo poder proletário:

Revolucionário, de 1939 a 1952. Apesar da diversidade de denominações, a existência de um fio de continuidade em termos de linha política, de militantes, de filiação internacional e a manutenção do seu órgão oficial atestam uma unidade.

⁷ A LUTA contra o imperialismo. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 22, p. 2, abr. 1935.

*Significará isso que todo país colonial atrasado esteja maduro, se não para o socialismo, ao menos para a ditadura do proletariado? Não, não significa. Mas, então, como fazer a revolução democrática em geral e nas colônias em particular? Respondo com outra pergunta: E quem disse que todo país colonial está maduro para a realização integral e imediata de suas tarefas nacionais-democráticas? É preciso inverter o problema. Nas condições da época imperialista, a revolução nacional-democrática só pode ser vitoriosa quando as relações sociais e políticas do país estejam maduras para levar o proletariado ao poder, como chefe das massas populares. E quando as coisas ainda não tiverem chegado a esse ponto? Nesse caso, a luta pela libertação nacional só dará resultados incompletos e nefastos para as massas trabalhadoras.*⁸

Esta não era, segundo os trotskistas, a perspectiva colocada pelo movimento da Aliança Nacional Libertadora, que pretendia um processo de transformações limitadas aos marcos da revolução democrático-burguesa defendida pela Internacional Comunista, principalmente após o seu 5º Congresso realizado em 1924:

*Pretender, ao contrário, como a Aliança Nacional Libertadora, pretender lutar contra o imperialismo sem lutar contra a burguesia nacional, pretender extinguir o imperialismo no território nacional sem abolir a propriedade privada, sem transformá-la em propriedade socialista, é caminhar para um fracasso certo ou, apenas, favorecer o imperialismo de uma potência em detrimento de outras.*⁹

As principais críticas da LCI à ANL impulsionada pelo PCB dizem respeito ao programa desta organização que, para os trotskistas, ao separar a luta contra o imperialismo da luta contra o capitalismo, desvirtua o sentido da revolução e dela se afasta; pois não há, na opinião deles, como lutar contra o imperialismo sem destruir o capitalismo, ou seja, sem eliminar a propriedade privada.

Ao analisarem o programa da ANL, os trotskistas verificam que a maioria das reivindicações nele contidas era de

⁸ TROTSKY, L. *A revolução permanente*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979. p. 120-121.

⁹ A LUTA contra o imperialismo. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 22, p. 2, abr. 1935.

caráter democrático, destacando-se a nacionalização das empresas estrangeiras, o cancelamento das dívidas externas e a resolução da questão agrária. Nesse sentido, alertam ao PCB que tais reivindicações não eram passíveis de ser conquistadas nos marcos de uma revolução democrático-burguesa, tal qual defendida por este partido desde 1926, quando Otávio Brandão¹⁰ escrevera a sua obra *Agrarismo e industrialismo*¹¹. Não há, diziam, nenhuma menção à luta contra a burguesia, ficando o manifesto de lançamento da ANL nos marcos da luta antiimperialista. Continuando em suas críticas, os trotskistas vão apontar a semelhança entre a posição da ANL e as defendidas no passado pelo *Kuomintang*¹² na China:

*É o que prova a dura experiência chinesa. Contra a utopia da Aliança Nacional Libertadora clamam os milhares de operários mortos em Xangai e Cantão, clamam os operários lançados vivos nas fornalhas em chama. O Kuomintang era, tal como a Aliança Nacional Libertadora, uma organização que luta pela 'libertação nacional da China' dos imperialismos.*¹³

¹⁰ Otavio Brandão, destacado militante do movimento anarquista, adere ao PCB em 1922. Em 1923 é eleito membro de sua Comissão Central Executiva e, em 1925, torna-se editor do jornal *A Classe Operária*, do PCB. Seu trabalho *Agrarismo e Industrialismo*, escrito em 1926, será a base teórica que orientará o PCB até o ano de 1929.

¹¹ Escrita no calor dos acontecimentos (logo após a derrota do levante militar de São Paulo, em 1924), a obra de Brandão foi a primeira tentativa de elaboração de uma análise marxista da realidade brasileira e serviu de base para as resoluções do 2º Congresso do PCB, realizado em 1925. Publicada em 1926, *Agrarismo e Industrialismo* foi o resultado de um trabalho de reflexão que durou dois anos. Para evitar a repressão, o autor utilizou o pseudônimo Fritz Mayer e colocou a edição proveniente de Buenos Aires, Argentina. [Esta obra foi reeditada incorporando correções feitas pelo próprio Octavio Brandão conforme documento pertencente ao Fundo Octavio Brandão, do acervo do Arquivo Edgard Leuenroth, da UNICAMP: *Agrarismo e Industrialismo*: ensaio marxista-lenista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil: 1924. 2. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2006. 196 p. (N. do Ed.)].

¹² O Kuomintang (*kuo*=nação; *min*=povo; *tang*=partido) teve origem na sociedade secreta *T'ong-mong-houei*, organizada por Sun Yat-Sen e formada basicamente por intelectuais. Tornou-se Kuomintang em 1907, tendo êxito em sua campanha para derrubar a dinastia Mandchu em 1911. Sua doutrina, o sunismo, defendia o nacionalismo, a reforma agrária, a democracia e certa dose de socialismo.

¹³ A LUTA contra o imperialismo. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 22, p. 2, abr. 1935.

Ao associar a ANL ao Kuomintang chinês os trotskistas se referem ao fato de que, no passado, a experiência da organização chinesa inspirara o PCB na formação, em 1927, do Bloco Operário e Camponês (BOC).¹⁴ Tal análise foi expressa pelo delegado brasileiro no 7º Congresso da Internacional Comunista, durante os debates aí realizados:

*A ANL representa no Brasil, como o Kuomintang chinês de 1925, um partido de um bloco de várias classes representadas por suas organizações respectivas, unidas em uma frente unificada contra o imperialismo, o latifundismo e o fascismo, pela libertação nacional do país e pela defesa das liberdades populares.*¹⁵

¹⁴ Em fins de 1926, o professor de Direito, Leônidas de Resende, proprietário d' *A Nação*, ofereceu o jornal ao PCB. Com o fim do estado de sítio e a partir de 3 de janeiro de 1927, *A Nação* passou a circular como órgão oficial do PCB, mantendo sua publicação diária até 11 de agosto de 1927, quando entrou em vigor a Lei Celerada, aprovada com o objetivo de reprimir o movimento operário. Através das páginas deste diário foi lançada a idéia da constituição de um Kuomintang (partido burguês e nacionalista) brasileiro para que se desse curso a um processo semelhante ao que se desenrolava na China. A direção da 3ª Internacional (ou Internacional Comunista) impôs o ingresso do Partido Comunista Chinês no Kuomintang, obrigando-o a seguir uma política de submissão a seu líder, o general Chang-Kai-Chek (1885-1976), e que teve como trágico resultado o massacre quase total dos comunistas em 1927. Essa política foi tenaz e fortemente combatida pela Oposição de Esquerda. Para a aplicação dessa linha foi determinado aos comunistas brasileiros fazer *aliança do proletariado com a pequena burguesia oprimida! O Brasil deve seguir o exemplo da China heróica!* (13 de junho de 1927) e *Venha quanto antes o Kuomintang!* (11 de julho de 1927). Essas foram algumas das manchetes d' *A Nação*, na época. Iniciada a discussão no partido, a proposta é aprovada (com a oposição, apenas, de Joaquim Barbosa e Rodolfo Coutinho). Estava consagrada a *aliança com a vanguarda revolucionária da pequena burguesia que encabeçara os movimentos revolucionários de 1922 e 1924*. Fundamentada nessa concepção, foi criada uma frente eleitoral destinada a agrupar estes setores sob a hegemonia do PCB, que tomou a denominação de Bloco Operário e Camponês. Acusado de seguir uma política burguesa e de tentar sobrepor-se ao PCB, o BOC foi extinto após as eleições de março de 1930. Em fins de 1927, Astrogildo Pereira foi enviado ao Uruguai para iniciar conversações com Luiz Carlos Prestes. O encontro resultará, muito mais tarde, durante os anos 1930, na entrada de Prestes e de vários "tenentes" no PCB. Eles tiveram participação ativa no *putsch* de novembro de 1935.

¹⁵ LACERDA, F. El Frente popular antiimperialista en Brasil. CONGRESO DA INTERNACIONAL COMUNISTA, 8., p. 2. (Coleção Internacional

No interior desta associação os trotskistas alertarão para as conseqüências da perda de liderança das organizações operárias, provocando sua desmoralização ou, quando não, levaria os trabalhadores ao massacre:

*O que se processou na China na escala da tragédia, reproduz-se no Brasil, na escala da comédia. Se o proletariado seguir os líderes pequeno-burgueses da Aliança Nacional Libertadora, se o proletariado não lutar pelos seus próprios objetivos, a derrocada do regime capitalista, fará apenas o jogo da burguesia, correndo atrás de um fracasso certo que, a não se processar tragicamente pelo massacre, processar-se-á ridiculamente pela desmoralização das organizações operárias que seguirem na cauda da Aliança Nacional Libertadora.*¹⁶

Estas afirmações sobre o risco, para o movimento operário, de subordinar os seus objetivos e a sua luta a segmentos da burguesia nacional se cumprirão alguns meses depois, quando da fracassada tentativa de quartelada militar, que redundará na derrota do movimento e na prisão de milhares de pessoas, além de sua desarticulação por vários anos.

No entanto, apesar de não participarem organicamente da estrutura da ANL, os trotskistas não ficarão alheios ao crescimento desse movimento, procurando nele intervir para que se transforme, de uma organização policlassista que era, para uma frente única antifascista semelhante à proposta pela Frente Única Antifascista (FUA)¹⁷, de

Comunista, IC/0001, filme 494, assunto 1, dossiê 298, Arquivo Edgard Leuenroth, UNICAMP.)

¹⁶ A LUTA contra o imperialismo. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 22, p. 2, abr. 1935.

¹⁷ A Frente Única Antifascista foi uma organização criada em junho de 1933, impulsionada pela Liga Comunista Internacionalista, que contou com participação de diversas organizações sindicais e correntes políticas, como trotskistas, socialistas e tenentistas. Inicialmente o PCB coloca-se contra a FUA, porém após pressões de seus próprios militantes acaba por aderir. A FUA empreendeu, nos anos de 1933 a 1934, várias manifestações contra o integralismo — a principal delas ocorreu em 7 de outubro de 1934, quando militantes convocados pela FUA se enfrentaram na Praça da Sé contra as forças integralistas. Em fins de 1934, ocorre o esvaziamento da FUA. Entre as várias razões de seu esvaziamento, está o fato do PCB tê-la abandonado para constituir a ANL.

1934. Ao mesmo tempo, os trotskistas se dispõem a fazer alianças com a ANL, mas em pontos concretos:

*O dever dos verdadeiros revolucionários é fazer com que os seus grupos e partidos procurem dar a Aliança Nacional Libertadora um caráter de frente única, nela ingressando sem perda de sua autonomia, com direitos iguais, inclusive aos da própria aliança. A política de frente única consiste precisamente, como a própria expressão indica, na união das diversas frentes de luta para a consecução de um objetivo comum determinado. Estamos com a Aliança Nacional Libertadora no terreno da luta contra o fascismo, como dela divergimos profundamente na questão do caráter da próxima revolução.*¹⁸

Ao mesmo tempo em que convocam a ANL para a luta comum contra o Integralismo, os trotskistas descartam de forma categórica a liderança de Prestes:

*Luís Carlos Prestes, já o dissemos em dezenas de artigos e discursos, pode ser um militante revolucionário sinceramente devotado à causa do proletariado, mas, nunca tendo militado no Brasil, desligado da massa operária, desconhecendo concretamente as suas necessidades, orientado por uma linha política errônea, submetido à disciplina de uma burocracia descontrolada e, finalmente, sob a pressão dos acontecimentos — sempre mais fortes, mais poderosos e mais decisivos do que todas as 'boas intenções' —, poderá também transformar-se no pior dos reacionários.*¹⁹

Mas, ao mesmo tempo em que defendia a atuação comum com a ANL na luta contra o integralismo, os trotskistas não deixam de criticar o caráter da revolução que o PCB pretendia empreender:

Eis porque, cumprindo o nosso dever de lutar sob a legenda da Aliança Nacional Libertadora, enquanto esta tiver realmente um caráter antifascista, queremos participar de toda e qualquer ação revolucionária contra as hostes de Plínio Salgado, mas

¹⁸ O DEVER dos comunistas no movimento da Aliança Nacional Libertadora. *A Luta de Classe*, Niterói [Rio de Janeiro], n. 25, p. 2-3, jun. 1935.

¹⁹ *Ibid.*, p. 3.

*nunca deixaremos de mostrar às massas o verdadeiro caminho; o caminho de Lenine e o não o de Chang-Kai-Chek, o caminho da Revolução Proletária e não o caminho da Revolução Nacional.*²⁰

Os trotskistas deixam claro, ainda, que mantêm a política de frente única que praticavam em 1934, nos tempos da FUA: ou seja, a frente única contra o Integralismo. Discordando da política do PCB em seu encaminhamento de uma revolução nacional (sinônimo, afirmam os trotskistas, de revolução democrático-burguesa), a LCI defenderá a Revolução Proletária baseada nos princípios da Revolução Permanente.

O problema da ANL, da forma como fora colocado, era estranho à realidade brasileira, já que, na opinião da LCI, não havia nenhum setor da burguesia — fosse pequena ou progressista —, ou de seus partidos, capaz de promover uma revolução contra a grande burguesia internacionalizada, carregando atrás de si as massas proletárias. Nem os tenentes se propunham revolucionários:

*A Aliança Nacional Libertadora é uma tentativa de criar no Brasil uma corrente intermediária entre o movimento revolucionário do proletariado, representado ainda o Brasil por força de inércia pelo PC stalinizado e grupos circunvizinhos, e os partidos burgueses liberalóides, destroços do tenentismo etc., representantes da burguesia adiantada e da pequena burguesia.*²¹

Nesse sentido, para os trotskistas, a ANL não expressava os interesses do proletariado, mas os da pequena burguesia que conclamava a revolução e os de uma parcela de operários, espécie de “privilegiados” entre os trabalhadores que, nesta condição, se aproximava desta burguesia. Resultaria daí o afastamento do PCB, que pretendia ser a liderança das massas operárias. Um tipo de traição, dado o afastamento de seus reais interesses. Nesse sentido:

A ANL é uma invenção artificial do Kuomintang, tendo nascido não da própria necessidade da burguesia nacional de arrastar a

²⁰ Ibid., p. 2.

²¹ A ALIANÇA Nacional Libertadora e a confusão no movimento operário. A *Luta de Classe*, Juiz de Fora [Rio de Janeiro], n. 25, p. 1, 25 jun. 1935.

massa a uma luta contra o imperialismo e o capitalismo estrangeiro, mas dos erros e fracassos da política do próprio partido que se diz representante do proletariado. O fato do chamado PC brasileiro ter concordado com tal 'sucedâneo' prova o seguinte: que este partido não representa os interesses verdadeiros da massa proletária profunda, mas é uma organização que reflete, na realidade, os sentimentos e interesses das camadas pequeno-burguesas mais oprimidas e parte do proletariado qualificado, privilegiado, que se liga à pequena burguesia; que este partido, como partido do proletariado revolucionário, fracassou totalmente na sua política e se sentiu isolado, sem ligação orgânica com a classe operária, incapaz de mobilizá-la em uma ação de massa por seu programa.²²

Para os trotskistas brasileiros a ANL forma-se como uma frente ampla dirigida pela pequena burguesia, que tinha como finalidade principal retirar o PCB do isolamento, condição esta fruto da política esquerdista seguida por este partido a partir de seu 3º Congresso, realizado em fins de 1928. Vão apontar também que a ANL era uma repetição da política implementada na China em 1927 pela Internacional Comunista, que determinou ao PC chinês sua submissão à direção política do partido burguês dirigido por Chang-Kai-Chek, cujo desfecho foi o massacre dos operários e comunistas chineses em 1927. Ainda segundo os trotskistas, o PCB segue uma política de ziguezagues, alternando ora políticas esquerdistas ora políticas direitistas:

O partido stalinista então abdicou ideologicamente diante da pequena burguesia. Este partido, como em todo o mais, chegou muito tarde à constatação de que as massas, no Brasil, ainda estão atrasadas politicamente. Mas ele chegou a esta constatação, não por uma análise marxista, objetiva, da situação, empiricamente, pelo seu fracasso político, pelos próprios desastres da sua ação, quando se viu, ao fim de todos os esforços e que faz de toda a agitação, de todo espalhafato dos últimos tempos, num beco sem saída, afastado completamente das grandes massas profundas do proletariado. E, em vez de procurar as causas verdadeiras desse fracasso e isolamento nos seus próprios erros, na sua linha política, os stalinistas caíram no extremo oposto e passaram a menosprezar

²² Ibid., p. 1.

*a consciência política do proletariado brasileiro, a capacidade da classe operária em guiar-se politicamente pelos seus próprios interesses tanto imediatos como históricos e revolucionários.*²³

Os trotskistas denunciam, ainda, o stalinismo presente nas ações do PCB quando se arrogam à liderança da ANL. E indicam, como principais características disso, o afastamento da premissa de que o proletariado era a classe revolucionária e, portanto, dirigente, na luta de classes que se dava tanto no cotidiano da política e das práticas sociais como nas grandes mobilizações. Consideravam que o abandono desta premissa estava expressa até mesmo na adoção, pelo PCB, de uma terminologia *escolástica*, ou seja, na sua preocupação em reiterar que a ANL era um movimento e não um partido. Portanto, não uma luta de classes:

O proletariado deixou de ser, para o stalinismo (as afirmações em contrário são puras formalidades) a classe revolucionária, a classe dirigente e detentora da hegemonia nas lutas políticas diárias e sociais contra a grande burguesia e o imperialismo. A adesão do PC à ANL não significa outra coisa, sobretudo se levar em conta toda a atividade passada sectária ultra-esquerdista e aventurista. O partido stalinista resolve então recuar 'momentaneamente' (segundo os seus cálculos) à penumbra, deixando a ANL passar ao primeiro plano e tomar a frente ou a iniciativa dos movimentos de massa em nome da 'libertação nacional' do Brasil. A ANL não é um partido, dizem, para justificar a sua capitulação, os 'Comunistas' do PCB com a consciência pouco tranqüila e a definem escolasticamente como um 'movimento de massas'. Não é um 'partido' mas um 'movimento', eis aí a que 'sutilezas' escolásticas estão reduzidos os dirigentes da seção brasileira da I.C. [IC — Internacional Comunista] stalinizada, para justificar a sua capitulação ideológica em face da pequena burguesia. 'Partido' ou 'movimento', o fato é que a ANL é uma organização política destinada a arrastar as massas por determinados objetivos políticos, recebendo adesões, tanto individuais como de grupos organizados e associações. Ela tem traços de kuomintangismo e traços do aprismo peruano. [...] É por isso que a ANL não é

²³ Ibid., p. 1.

*um 'partido de classe' mas de várias classes: eis porque o chamamos de bi-partido, como o era o Kuomintang*²⁴

Para os trotskistas agrupados na LCI, a ANL constituía-se em um partido policlassista, que diluía o movimento operário em seu interior para a formação de uma frente que pudesse colocar o PCB em posição de recuperar o seu abalado prestígio junto à classe operária. Partido policlassista, a ANL já teria seus congêneres na América Latina, na medida em que o APRA peruano aparecera como tentativa de criar uma frente policlassista no Peru. Na sua análise sobre a composição de classe da ANL, a Liga Comunista vai explicitar a que segmentos da burguesia se refere, identificando as diferentes frações em sua formação:

A babel ideológica que reina dentro dela é o reflexo da mistura das classes. À direita, a ANL conta com o 'apoio' e a 'adesão' ou as 'simpatias' (os stalinistas escolham qual a palavra adequada, deixemos a eles o gosto das distinções gramaticais e escolásticas em matéria de política) de latifundiários autênticos, proprietários territoriais (que falem por exemplo dos pequenos lavradores e assalariados agrícolas de Ilhéus, na Bahia), advogados estipendiados de empresas imperialistas como João Mangabeira (o pai do Chico da Caixa Econômica), Pedro Ernesto, milionários diletantes da política, gênero Caio Prado, Sisson e outros espécimes da burguesia nacional; no centro, os 'tenentes' arrependidos ou desempregados, os 'outubristas' vagos depois que o Clube 3 de Outubro fechou as portas, enxotados das casquinhas do poder pela grande burguesia quando achou chegada à hora de fazer a limpeza de seu Estado, os Cascardos & Cia; os líderes proletários e bonzos sindicalistas, marca Armando Laydner, A. Santos e outros sufragadores, na eleição presidencial do nome de Getúlio Vargas; [...] à esquerda Luís Carlos Prestes, sagrado de novo, mas desta vez em Moscou, 'Cavaleiro da Esperança', e que, parece, vem voltar como Radamés triunfante, às plagas natais, para salvar a pátria da opressão estrangeira (exatamente como previmos há 3 anos passados e o proclamamos em manifesto, publicado que, naquela ocasião foi tachado de calúnia pelos stalinistas). E, afinal, fechando a corrente pela esquerda, o partido stalinista, que, em plena decomposição caudilhista, ideologicamente

²⁴ Ibid., p. 1.

desmoralizado, imerso na confusão pequeno burguesa e nacionalista, a gaguejar uma inconsistente explicação de que 'apóia' o programa e não adere, e a ANL não é um partido mas uma frente única de indivíduos etc. etc.

Finalizando sua análise sobre a composição de classes da ANL, os trotskistas explicam qual é o programa que expressa esta aliança de classes, que revolução pretendem, quais são as suas forças motrizes, qual o é sentido do movimento pretendido pela ANL:

É esta composição de classes da ANL. São estes os quadros dirigentes. O programa da ANL é um abjeto pirão ideológico em que entram algumas pitadas do 'marxismo' para dar um sabor mais picante ao seu nacionalismo patrioteiro. O programa e quadros dirigentes se valem: pois foi em favor dessa confusão, em todos os sentidos, que o chamado Partido Comunista brasileiro abdicou de sua pretensão a dirigir a luta antiimperialista das massas. [...] A força motriz principal da revolução já não é o proletariado, mas a pequena burguesia. O instrumento principal da revolução, da realização da aliança operária e camponesa, não mais o partido da vanguarda proletária, o partido forjado por Lenine, o partido bolchevique, mas um 'movimento' de pequenos burgueses pela libertação nacional do Brasil, isto é, pela burguesia nacional.²⁵

Mediante tais análises, os trotskistas indicavam que seus objetivos junto ao operariado seriam os de auxiliá-los em sua percepção da realidade — o que significaria abandonar as teses defendidas pelo PCB de se colocar a reboque da burguesia e rearticular-se visando retomar as bandeiras de uma revolução proletária, nos moldes *marxistas*, ou seja, da luta de classes. Sem tal reordenamento, toda a luta do operariado na época se voltaria contra eles mesmos, no sentido de que acabariam por reforçar quem queriam combater, ou seja, o imperialismo:

E, previamente, antes de qualquer ação de massas, imediata, fazer o saneamento ideológico para que o novo reagrupamento político revolucionário do proletariado se faça o mais cedo possível, numa base nitidamente marxista, inequivocamente

²⁵ Ibid., p. 1-2.

de classe, ainda a tempo de impedir que a classe operária siga a reboque da pequena burguesia, dos dirigentes pequeno burgueses da ANL. Sem este reagrupamento, sem o novo partido proletário, verdadeiramente Bolchevique-Leninista, quanto maior for o desenvolvimento da ANL, tanto mais inevitavelmente ela se transformará num instrumento da burguesia nacional e acabará fazendo o jogo do imperialismo que ela quer combater.²⁶

Assim, os trotskistas não queriam isolar-se da ANL, mas interferir junto aos operários, levando-os a assumir a liderança que lhes cabia no movimento e, aí sim, arrastar a pequena burguesia para, no interior desse processo, construir um partido revolucionário capaz de dirigir as grandes massas:

É esta a tarefa central da LCI no atual momento histórico. Desse ponto de vista temos que partir para tomarmos posição concreta em face do movimento de massa que é a ANL. O partido revolucionário, o nosso partido Bolchevique-Leninista, não pode surgir do simples reconhecimento abstrato de um determinado número de princípios e de idéias. Ele tem que surgir como uma expressão profunda das necessidades históricas do proletariado. Deve ser o resultado das lutas atuais das massas, da experiência que elas vão adquirindo sob a atual direção da pequena burguesia aliancista, dos cavaleiros da esperança, dos 'tenentes salvadores' & Cia. [...] É urgente reagrupar a classe operária. Os operários devem criar a sua própria direção e mostrar na ação de todos os dias que só ele, mesmo no Brasil, mesmo nos países coloniais, é capaz de dirigir a luta contra o imperialismo e o latifúndio, e arrastar atrás de si a massa pequeno-burguesa.²⁷

O FECHAMENTO DA ANL VISTO PELOS TROTSKISTAS

O fechamento da ANL, por decreto de Getúlio Vargas, e a pequena reação que se seguiu ao fato dará aos trotskistas os argumentos para o aprofundamento das críticas que já tinham

²⁶ Ibid., p. 2.

²⁷ Ibid., p. 2.

sido feitas à política do PCB, críticas estas que saem no número seguinte do jornal *A Luta de Classe*, de agosto de 1935:

*A Aliança Nacional Libertadora desapareceu do cenário político, como movimento organizado. A sua direção mostrou-se absolutamente incapaz de prever um palmo diante do nariz. Enganou-se a si mesma e enganou as massas que a apoiavam. Deixou-se provocar pela reação burguesa-policial (a imprensa, o Integralismo e a polícia de mãos dadas) com a mesma facilidade com que o otário cai no conto do vigário.*²⁸

Para os trotskistas, o fechamento da ANL era previsível, dadas às provocações montadas pelo governo e pelos integralistas. Além disso, o PCB não teria conseguido se colocar como uma alternativa às greves que ocorriam naquele período. A guinada da sua política após 1934 apenas mudou o curso do partido, que saiu de uma posição esquerdista para uma posição oposta, buscando alianças com o tenentismo, através da ANL:

*Já no ano passado a vanguarda proletária, ainda, mal ou bem representada pelo partido stalinista, fracassara lamentavelmente na tentativa de dirigir a grande vaga de greves de então, greves essas que foram todas acabar aos pés do Ministério do Trabalho, com as bênçãos de Pedro Ernesto & Cia. Em outubro de 34, por ocasião das eleições, o stalinismo, já em franco recuo, diante do gangsterismo policial, perdera as esperanças de tomar o poder por conta própria e imediatamente. Por seu lado, o 'tenentismo', após as eleições, via-se paulatinamente apeado do poder e sem emprego. Por falta de gente e de função, o Clube 3 de Outubro fechava as suas portas, melancolicamente. Os tenentes 'revolucionários' caíam, assim, um por um, no desemprego. A Aliança Nacional Libertadora veio reagrupar os desempregados do 'tenentismo', e os mencheviques furiosos e populistas iluminados do stalinismo.*²⁹

Mais adiante, o jornal da LCI mostrou como Getúlio Vargas quisera se aproveitar do movimento de massas para viabilizar sua política externa junto às agências internacionais com as quais

²⁸ O FRACASSO da ANL e as tarefas da vanguarda operária. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 26, p. 3-4, ago. 1935.

²⁹ *Ibid.*, p. 4.

tínhamos dívidas, usando como justificativa a pressão social que sofria no país. E, em seguida, dada à inoperância desta estratégia, receoso do avanço da mobilização, decretara o seu fechamento:

Getúlio Vargas quis aproveitar-se da agitação aliancista pela supressão das dívidas externas como uma espécie de pressão de baixo, de apoio de massa a ação de seu ministro da fazenda junto aos banqueiros imperialistas, quando da visita deste a Nova York e Londres. Os imperialistas não só não atenderam aos apelos e preces do ministro para a suspensão do pagamento das dívidas, como não fizeram caso da 'pressão de massa', exigindo a liquidação do movimento aliancista. O governo ficou só esperando o momento de agir.³⁰

O manifesto de 5 de julho, assinado por Prestes, onde este pregava a tomada do poder pelos aliancistas, foi apenas um pretexto. Assustado com o crescimento e radicalização da ANL, o governo Vargas, apoiado por setores da burguesia, inicia pela imprensa uma campanha pelo seu fechamento imediato:

Alguns jornais burgueses então começaram a campanha pelo fechamento da ANL, com 'O Globo' à frente. Primeiro fizeram uma ligeira campanha contra Pedro Ernesto para que ele não tomasse muito a sério o seu 'socialismo humanitário'. Depois repetiram com a ANL a fábula da rã, exagerando os seus sucessos, as suas forças e as suas perspectivas imediatas. E a direção da aliança bancou de fato a rã: tanto inchou, tanto ficou cheia de ar que pensou que já estava na hora de tomar o poder, e acabou estourando.³¹

Este artigo situa o jogo de interesses que estaria levando os tenentistas e os stalinistas a se unirem, já que ambos aspiravam à liderança da ANL. De um lado, os tenentistas interessados em seu próprio fortalecimento articulando-se com as massas; e, por outro, os stalinistas considerando que isto garantiria a legitimidade legal ao movimento.

Os 'tenentes' da ANL acreditavam que, com o nome de Carlos Prestes e o apoio do partido stalinista, a ligação com as massas

³⁰ Ibid., p. 4.

³¹ Ibid., p. 4.

*estava garantida. Os stalinistas, por sua vez, pensaram que tendo alguns 'tenentes' e burgueses bem comportados e conceituados à frente do movimento, a legalidade estava assegurada.*³²

Finaliza, responsabilizando a direção do movimento pela desmobilização frente à ação repressora do governo, que culminou com o fechamento da ANL, auxiliado, segundo eles, pela burguesia:

*O resultado dessa política e dessa direção foi o que se viu: depois da preparação do terreno, feita com todo o cuidado, o governo entrou em ação. Desde o dia 4 de julho, à noite, a burguesia começou a contra-ofensiva, e logo ao primeiro golpe, com o fechamento de alguns sindicatos pela polícia, começou a revelar-se a impotência prática da direção aliancista, que nada pode fazer senão deitar frases arrogantes. Falou muito em greve geral, depois em greves de massa, e acabou se contentando com grevinhas parciais, mesmo de caráter econômico, numa triste irresponsabilidade. E a não ser pequenas tentativas de protesto, aqui e acolá, como em São Paulo, levadas a efeito, sobretudo pela coragem da vanguarda proletária, nada mais houve. A massa, (a própria vanguarda em conjunto), aguardou dos dirigentes aliancistas uma palavra de ordem clara, um sinal qualquer que demonstrasse que eles viam a situação com lucidez, sabiam o que queriam, tinham qualquer plano de ação, estavam dispostos a executá-lo.*³³

Responsabilizará também os tenentes, mas não dará tréguas aos dirigentes do PCB, para os quais reservam as críticas mais duras, tanto pela "sua demagogia nacionalista e patrioteira", quanto pela falta de liderança e percepção do que ocorria, reiterando aí seu afastamento das *bandeiras internacionalistas do comunismo*:

O fracasso da direção foi absoluto e total. E desse fracasso vergonhoso foram igualmente responsáveis tanto os 'tenentes' super-revolucionários da Aliança, como os grandes dirigentes de massa do PCB, com o seu messias Luís Carlos Prestes. [...]

³² Ibid., p. 4.

³³ Ibid., p. 4.

Eis o balanço da campanha aliancista. Quanto aos estrategistas do stalinismo, estes ficaram falando sozinhos. Não lhes adiantou a demagogia nacionalista e patrioteira em que caíram e com que desmoralizaram a bandeira internacionalista do comunismo. A ANL está morta. Somente alguns aliancistas mais renitentes ainda fazem cerimônia em afirmar que ela morreu. A política da ANL se caracterizou, ao mesmo tempo, pelo oportunismo mais sórdido e o aventurismo mais completo. Os stalinistas, de todos os elementos que aderiram à Aliança, foram os mais responsáveis pelo seu fracasso, e foram os mais coerentes, tanto no oportunismo quanto no aventurismo. Luís Carlos Prestes, dentro do campo da Aliança foi o maior fator da derrota.³⁴

Para os trotskistas, uma das características do movimento da ANL foi o desconhecimento da realidade objetiva, quando esta propunha ações e programas que não tinham nenhum embasamento na luta de classes que se desenrolava no país. Daí acabarem se impressionando com o seu rápido sucesso, sem verificar que este era fruto de uma situação conjuntural e momentânea. Mas o proletariado, em seu conjunto, estava longe de seguir as diretivas da ANL:

Pelo seu menchevismo, esquecendo os primeiros manifestos e revelando o caráter de classe 'bem burguês' do movimento, que pensou que estava 'dirigindo', ao chamar a luta na defesa de seus próprios interesses, 'parte da burguesia nacional', isto é, da indústria e do capitalismo nacionais. Finalmente, pela sua leviandade aventurista de pequeno-burguês frenético, impaciente e impressionado com os primeiros sucessos ainda superficiais da Aliança, num desconhecimento completo da situação objetiva, incapaz de calcular friamente as relações de força reais, lançando a palavra de ordem de tomada do poder (?) fiado apenas na atmosfera de entusiasmo dos comícios 'legais' da Aliança, no misticismo espontaneísta das massas, das afirmações levianas e bravatas de alguns jornais aliancistas, e no seu próprio iluminismo.³⁵

Os trotskistas reiteram, assim, a sua opinião de que a ANL era a retomada das concepções da Internacional Comunista sobre

³⁴ Ibid., p. 4.

³⁵ Ibid., p. 4.

a revolução chinesa dos anos 20, que estavam por ser novamente aplicadas, sem levar em conta as diferenças existentes entre a realidade brasileira e a daquele país. Reafirmam também a sua opinião sobre a capacidade do Partido Comunista do Brasil de construir um partido marxista que estivesse à altura de dirigir as lutas dos trabalhadores brasileiros:

Nos já dissemos que a ANL era um arremedo artificial de Kuomintang, nascido em parte pelo fracasso do chamado Partido Comunista em dirigir as grandes massas exploradas na luta pelas suas reivindicações. Essa tentativa acaba de falhar, como previmos. Quando um partido de origem e composição proletária deixa de ser, pelos seus erros, o representante da vanguarda da classe, e decai na confiança desta, fracassando na direção do movimento revolucionário de massa, não pode ser substituído por organizações intermediárias pequeno-burguesas do tipo Aliança. O que é preciso é que os elementos da vanguarda examinem as causas dos insucessos, tirem as conclusões da experiência, e tratem de forjar um novo instrumento revolucionário capaz de conduzir as lutas ulteriores das massas. O partido stalinista do Brasil fracassou, como todas as outras seções da ex-Internacional Comunista, transformada hoje em agência stalinista do novo reformismo nacionalista.³⁶

Apesar da derrota do movimento da ANL, os trotskistas continuavam vendo boas perspectivas para o desenvolvimento da luta de classes no Brasil. Mas para que esta luta pudesse ter bons resultados, era necessário a construção de um novo partido operário. Este raciocínio é a pedra de toque da análise dos trotskistas brasileiros sobre a conjuntura que se desenvolvia no ano de 1935. Para eles, a questão do partido era uma tarefa inadiável, já que sem uma nova direção política seria impossível a alteração do quadro político atual:

Objetivamente, a situação oferece enormes perspectivas. A crise financeira continua com a mesma agudeza, a inflação progride, o custo de vida aumenta paulatinamente. O aparelho financeiro do Estado depauperava-se de mais a mais. A moeda nacional oscila

³⁶ Ibid., p. 4-5.

*perto do zero. A pressão imperialista cresce, o governo do Estado vive ao léu, e de sacola na mão, batendo às portas dos banqueiros internacionais. Os mercados de café continuam saturados. A pequena lavoura continua escorchada pelos impostos e pelas hipotecas e empréstimos. A desvalorização da moeda equivale a uma formidável rebaixa generalizada nos salários dos trabalhadores. A situação continua no mesmo pé. As massas exploradas vivem num descontentamento e numa insatisfação profundas. Falta apenas direção ao movimento proletário. Mais do que nunca esta é a tarefa do momento. É preciso que a vanguarda se convença que é necessário voltar aos velhos mestres do socialismo científico, às lições da experiência do movimento socialista revolucionário mundial. Devemos voltar quanto antes às fontes heróicas do bolchevismo.*³⁷

Os trotskistas mostrarão ainda que a experiência da ANL não era um fato isolado no contexto internacional das lutas operárias e camponesas, mas um ato dentro de uma estratégia implementada pela Internacional Comunista, que estaria provocando a desmobilização — quando não a desmoralização —, em vários países, das lutas dos trabalhadores, talvez de forma irreversível para a revolução comunista:

*A experiência atual da Aliança Nacional Libertadora deve bastar. No Brasil como na China, no México, Cuba ou Bulgária, a pequena burguesia não é capaz de dirigir coisa nenhuma, e muito menos a luta contra o imperialismo. A pequena burguesia da cidade não é capaz de grande coisa. A pequena burguesia rural, os pequenos lavradores e camponeses, esses são capazes de muito ¾ mas tanto pode ser no sentido da revolução como da contra-revolução. Tudo, mas tudo, nesse caso, depende exclusivamente, de nós do proletariado urbano, da sua organização política, da sua capacidade de direção e de decisão, seja qual for o número específico da classe operária e o atraso econômico do país. A prova já nos foi dada na China, pelo Kuomintang, e nos custou o massacre de milhares e milhares da heróica vanguarda do proletariado chinês. Na Índia, também, se o movimento não tomou ainda forma progressista e revolucionária é porque continua sob a direção pequeno-burguesa dos Ghandi & Cia.*³⁸

³⁷ Ibid., p. 5.

³⁸ Ibid., p. 5

Reafirmando, assim, sua confiança na idéia de que, se o proletariado assumisse a condição de suas lutas, poderia sair vitorioso, os trotskistas questionavam a possibilidade de uma sobrevivida da ANL na ilegalidade, dada a sua composição social em que se misturavam necessidades, vivências, ideologias distintas e pouco consistentes, a falta de uma linha organizacional solidificada no movimento e de uma centralidade de lideranças:

A Aliança Nacional Libertadora não tem possibilidade de vida ilegal. A sua composição social heterogênea, os seus frouxos laços organizatórios, a sua ausência de qualquer disciplina interna e até ideológica, a sua direção pequeno-burguesa, em que se misturavam elementos de todas as classes, de todas as tendências, e de todas as idéias, a impossibilidade de ter por isso mesmo uma direção centralizada e eficiente, os seus vértices dirigentes se balançando no ar sem ligação direta [...], tudo mostra que a ANL não pode viver na ilegalidade. Organizações políticas revolucionárias ilegais são o privilégio da classe operária. Só ela pode criar e sustentar na ilegalidade a sua vanguarda organizada politicamente, porque as suas condições de vida, a sua concentração nas grandes cidades e nos grandes centros, nas fábricas e usinas, nos locais de trabalho, o seu papel dirigente junto ao aparelho de produção, facilitam essa organização. Porque sobretudo a própria existência da classe operária é, em si, o fator mais subversivo da atual sociedade capitalista. A classe operária não tem possibilidade de organizar-se dentro desta sociedade senão lutando, senão violando a 'legalidade burguesa'. [...] O proletariado vive e se organiza na ilegalidade, para conquistar numa luta permanente a sua legalização. Eis porque só o proletariado pode e precisa organizar-se ilegalmente.³⁹

Fica reafirmada pelos trotskistas, portanto, a impossibilidade de organizações pequeno-burguesas (como a ANL) de sobreviverem na clandestinidade. O que se confirma logo após o decreto de fechamento da ANL, onde, após as primeiras prisões, além da pouca reação à repressão, ocorre o seu rápido esvaziamento, com o abandono de seus setores não proletários — ficando a organização cada vez mais restrita aos militantes do PCB e a alguns militares simpatizantes do partido:

³⁹ Ibid., p. 5

A pequena burguesia é incapaz de manter organismos políticos ilegais, de caráter estável. As organizações, associações, ou o que valha, 'ilegais' da pequena burguesia, são todas provisórias ou momentâneas, passageiras. Os pequenos burgueses podem criar, transitoriamente, associações conspirativas, clubes, grupos terroristas, carbonarismos etc. São esses os exemplos de organizações 'ilegais' pequeno-burguesas que se conhecem.⁴⁰

Ao analisar a tentativa do PCB em manter a ANL na ilegalidade, os trotskistas farão previsões sobre o desdobramento destas ações, que se confirmarão poucos meses depois. Especialmente, a possibilidade de a ANL desencadear, levada ao desespero pelo isolamento político (como de fato o fez em novembro), um levante armado totalmente desvinculado do movimento operário, que apareceu aos olhos do governo como uma provocação, justificando maiores ações repressivas:

Organizações, partidos de massa, ilegais, com caráter de classe misto, é coisa impossível e utópica. É o caso da ANL. Afirmar o contrário é desconhecer completamente a experiência dos movimentos de massa, ou conspirativos, do passado, e as circunstâncias e a formação da própria Aliança. Tentar seguir por este caminho seria, além disso, alimentar as tendências dos elementos aventureiros existentes na ANL, que não têm nenhuma disciplina política de classe, nem base ideológica séria. E acabariam por confundir fatalmente o trabalho ilegal, no sentido proletário-marxista, com a conspirata, a quartelada e o golpismo.

A outra possibilidade apontada pelos trotskistas, sobre as possibilidades de sobrevivência da ANL na ilegalidade, seria a transformação desta em uma organização voltada para as negociações políticas dos partidos burgueses, onde o seu fantasma ou a sua sombra entraria como moeda de troca nessas negociações:

Por outro lado ficara pairando no ar, como poeira levantada por um pé de vento, os ecos da efêmera agitação aliancista. Algumas de suas idéias mais elementares, pedaços esparsos de seu programa confuso, estão no ar. Isto se explica porque,

⁴⁰ Ibid., p. 5.

*embora muito mal expressas, de algum modo correspondem a certos anseios das massas; e depois, porque o seu caráter vago se presta às mais diversas interpretações.*⁴¹

Os trotskistas finalizam o artigo sinalizando ao movimento operário, que, em sua opinião, a superação da situação criada com a ascensão e a queda da ANL só se resolveria com a construção de um novo partido operário; expressando assim, mais uma vez, a sua convicção de que o principal problema por que atravessava o movimento operário no Brasil dizia respeito à questão da direção política:

*Nessas condições, não há outro caminho senão o que os bolcheviques-leninistas vêm indicando: 'construir um novo partido revolucionário', um novo partido comunista capaz de reagrupar toda a vanguarda da classe operária. Um novo partido que, armado com a arma teórica do marxismo e com a prática revolucionária do bolchevismo-leninismo, seja apto a tirar toda experiência dos erros passados e do fracasso definitivo do partido stalinista, e a conduzir, através das lutas ilegais, combinadas com o aproveitamento das possibilidades da luta legal, as grandes massas exploradas da população, pela defesa de seus interesses, pela derrubada do regime capitalista.*⁴²

OS TROTSKISTAS E OS LEVANTES DE NOVEMBRO DE 1935

Na edição de número 28, publicada em abril de 1936, o jornal *A Luta de Classe* fará uma análise aprofundada da catastrófica insurreição de novembro, considerando o levante de 1935 como uma tentativa golpista circunscrita à desvirtuada concepção de revolução adotada pela Internacional Comunista e pelo PCB. Em artigo da edição supramencionada — *O desastre de novembro e o naufrágio do stalinismo e do prestismo*⁴³ — os trotskistas se debruçarão sobre os acontecimentos de novembro de 1935 retomando suas

⁴¹ Ibid., p. 5.

⁴² Ibid., p. 6.

⁴³ O DESASTRE de novembro e o naufrágio do stalinismo e do prestismo. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 28, p. 1, abr. 1936.

análises anteriores e apontando quais seriam, em sua opinião, os desdobramentos do fracassado *putsch* militar:

Mais cedo do que esperávamos as nossas previsões foram inteiramente confirmadas: o aliancismo stalinista, com o seu fíhrer Luiz Carlos Prestes à frente, acabou tentando um putsch militar na impossibilidade de arrastar a massa à revolução. Desta forma, o sórdido oportunismo ideológico em que caíram os stalinistas foi coroado pelo aventureirismo golpista mais descabelado. Como era de prever, o chamado partido comunista, ao sustentar a ANL na ilegalidade, deixou formalmente de existir, e passou a ser, ele próprio, a própria Aliança, desencarnada desde o seu fechamento sumário pela polícia em julho do ano passado. Daí por diante, os stalinistas, embora continuando a se chamar, desgraçadamente, de partido comunista, abandonaram até as últimas preocupações de classe, virando completamente as costas ao proletariado. Concentrando toda a sua atividade na tentativa inútil de dar ilusão exterior de que a ANL continuava a existir, subterraneamente, os stalinistas, como prevíamos não tiveram outra alternativa senão atijar os pruridos conspirativos da ala aventureira, 'não proletária', isto é, prestista, da ANL e do PCB.⁴⁴

Segundo os trotskistas, com o fechamento e o esvaziamento progressivo da ANL, o Partido Comunista concentrou toda a sua atenção no trabalho de conspiração militar. Acreditando no desgaste do governo Vargas, o PCB vai procurar manter a ANL, dissolvendo praticamente toda a estrutura no seu interior. A guinada esquerdista rumo ao *putsch* militar é em grande parte explicada pelo isolamento do partido da classe operária, que, combinado ao fato de que os elementos que permaneceram fiéis a ANL — especialmente militares — terem aderido ao PCB, reforçou, sobretudo na sua direção liderada por Prestes, a idéia da quartelada militar.

Nesse sentido, o isolamento do PCB em relação às classes trabalhadoras se acentuou com o fechamento da ANL e, ao tentar mantê-la na ilegalidade, o Partido Comunista acabou por se confundir com ela, deixando de existir na prática. O esvaziamento da ANL, portanto, se confundiu com o próprio esvaziamento do

⁴⁴ Ibid., p. 1.

PCB. Do isolamento ao desespero foram poucos passos, até a decisão de realizar uma quartelada.

Os trotskistas também criticarão o fato de o PCB apostar na capacidade das lideranças tenentistas de se sobrepor às organizações do proletariado, como os sindicatos, substituindo-as, principalmente ao confiar na infalibilidade da liderança de Prestes:

Sob a leviana suposição de que as massas trabalhadoras já estavam preparadas pela agitação anteriormente feita, aguardando apenas o sopro mágico de Carlos Prestes (de novo compenetrado de sua missão providencial de Cavaleiro da Esperança), o partido stalinista passou a ter como única tarefa 'articular' a conspirata militar. Na ânsia de achar aliados para o golpe, os dirigentes stalinistas se entregaram a catá-los em toda parte, sem olhar casta nem classe, indivíduo ou partido. Segundo o provérbio popular: o que vem à rede é peixe.⁴⁵

Outra crítica encetada pela Liga Comunista vai se dirigir ao programa aliancista, que, em sua opinião, fez com que o Partido Comunista se isolasse cada vez mais dos trabalhadores. Para a Liga, ao deixar de lado as posições classistas, o PCB se viu abandonado não só pelos setores burgueses e pequenos burgueses da ANL, mas também pelo proletariado. Prosseguindo na avaliação, os trotskistas dirão que a ANL não conseguira mobilizar em seu apoio nem a burguesia e muito menos a pequena burguesia. Contrariamente a todos os levantes do passado, desta vez, ao primeiro tiro insurreto, a unanimidade se fizera em torno do governo. Para eles, a burguesia em peso, esquecendo oposições e dissídios, fizera a união sagrada. Assim a burguesia teria caracterizado o movimento não segundo a definição de prestistas e stalinistas, mas segundo os seus infalíveis preconceitos de classe. Não sentindo necessidade de qualquer revolução, mesmo *nacional libertadora*, a burguesia não aceitara o presente que a ANL lhe quisera fazer. Todos esses fatos demonstrariam que a ANL não exprimia nenhuma necessidade da burguesia nacional, como o fizera no passado na época do partido de Sun Yat-Sen (Kuomintang). Ela teria sido, segundo os trotskistas, uma invenção artificial do PCB:

⁴⁵ Ibid. p. 1.

*Nesse trabalho de cinismo ideológico e descaramento político, Prestes desenvolveu uma febril atividade epistolar, escrevendo a deus e todo mundo, pedindo apoio para essa revoluçãozinha. Não teve pejo de se dirigir nem mesmo àqueles políticos e militares contra os quais lançou em manifestos solenes o seu anátema e os maiores xingamentos. Para cada um desses tinha um programzinho de revolução bem adequado, conforme o destinatário fosse grande ou pequeno burguês, industrial ou fazendeiro, banqueiro ou comerciante, político ou não, militar ou paisano, carola ou ateu. Não houve descontente com Getúlio Vargas, fosse por que motivo, que não tivesse sido abordado e convidado a libertar o Brasil. Ao que se diz nem os Guinle, nem a Light, nem o general Barcelos, nem Sylvio Campos e outros megatérios da grande burguesia escaparam.*⁴⁶

Assim, concluem os trotskistas, o programa foi pouco a pouco abandonado com o intuito de conquistar novos aliados, buscando-se com isso ampliar as bases sociais da ANL:

*Assim quanto mais o tempo avançava, tanto mais o stalinismo brasileiro, 'isto é, o prestismo' marchava resolutamente para a direita, à cata de aliados, abrindo mão dos últimos vestígios marxistas, até mesmo em matéria de simples terminologia. Na linguagem do PC e de seus órgãos, as concepções e problemas da luta de classes sumiram totalmente. [...] Na hora do golpe não restava mais nada, nem mesmo do primitivo programa aliancista. [...] O mais grave foi sem dúvida o fato de que a própria reivindicação central da ANL, em torno da qual se fez toda a agitação aliancista, 'a questão da distribuição da terra' foi sendo pouco a pouco eliminada e condicionada, até o seu abandono prático na hora H, como se dependesse das concessões nesse sentido feitas por cartas e manifestos de Prestes, resoluções das esferas dirigentes do PC da ANL, elaboradas às vésperas e durante o golpe.*⁴⁷

Segundo a LCI, a falta de uma política que defendesse de forma clara os interesses do proletariado transformava o PCB e a ANL em reféns das disputas interimperialistas, acabando por colocá-los como aliados de uma das frações em pugna:

⁴⁶ Ibid. p. 1.

⁴⁷ Ibid. p. 1.

A falta de princípio e o abandono de todo o pudor classista foram tão longe até admitir blocos ou 'compromissos' com qualquer dos imperialismos predominantes no país. A resolução do C.C. do PCB, de novembro do ano passado, 'já antes da vitória da revolução nacional libertadora', admitia como necessárias à conservação e garantia(!) do governo nacional popular, com uma ou outra potência imperialista. [...] Daí se conclui que a defesa da indústria nacional brasileira, pregada por Luís Carlos Prestes, pela ANL e pelo partido stalinista podia acabar servindo perfeitamente os interesses britânicos, transformando-se, no resultado final, o movimento aliancista, sob a direção de Prestes, num instrumento do imperialismo inglês.⁴⁸

Para os trotskistas, o programa da ANL estava longe de colocar em prática as reivindicações mais sentidas pelos trabalhadores. Aliado a isto, a revolta militar foi organizada e deflagrada não só à revelia dos trabalhadores como do próprio Partido Comunista, que em nenhum momento fez qualquer menção de deflagrar um levante armado à sua militância:

A chamada revolução nacional libertadora se reduziu assim à derrubada de Getúlio e nada mais. Conforme o esquema pueril de seus idealizadores ela seria feita a conta-gotas, homeopaticamente. A massa era convidada a nela tomar parte, mas com todo o cuidado para não pisar nos calos da burguesia. O resultado não poderia ser diferente do que foi: um golpe preparado na sombra de uma clássica conspirata de quartel, foi instantaneamente reprimida, sobretudo no Rio, onde a abstenção da massa foi completa. O governo pôde esmagá-la assim em algumas horas, com uma ferocidade de bandidos alucinados, antes do proletariado poder tomar conhecimento do que se passava. A vanguarda da classe foi apanhada de surpresa e nada pôde fazer. A própria base do PCB assistiu atônita ou bestificada ao movimento. Desta vez, até a Classe Operária, apesar de seu blefe costumeiro e de suas habituais informações mentirosas sobre contínuos e fantásticos sucessos da revolução e do partido teve que constatar, embora tardiamente, 'a participação dos operários na luta armada foi muito débil, pois não houve greves e que os destacamentos de

⁴⁸ Ibid. p. 1.

operários armados (?) quase nenhum papel chegaram a desempenhar' (A Classe Operária, n. 196, de 25 dez. 1935).⁴⁹

Sobre a rebelião no Nordeste, apesar desta ter tido um caráter mais massivo e ter resistido um pouco mais às investidas repressivas, os trotskistas apontarão a falta de ligação com as massas como uma das principais causas para a derrota do levante militar:

No Norte, apesar de uma participação mais ativa, mas ainda assim precária de certas camadas populares, apesar da repressão ter sido inicialmente menos feliz do que no Rio, a rebelião ter-se prolongado por mais tempo, chegando mesmo a obter considerável êxito no começo, como em Natal, onde os revoltosos se viram por alguns dias senhores da cidade, anda assim o movimento ficou isolado, não tendo tido condições ou oportunidade para ligar-se às massas e aprofundar-se. O governo e a imprensa burgueses não deixaram escapar o fato plenamente constatado do isolamento e o utilizaram como demonstração de que as massas eram contra o movimento e o proletariado hostil ao comunismo.⁵⁰

Os trotskistas retomam as previsões feitas em setembro de 1935 sobre a possibilidade de a ANL promover um levante armado à revelia dos trabalhadores, e as conseqüências desta ação para o movimento operário. Dado o fracasso dos levantes de novembro de 1935, a correlação de forças pendia, segundo os trotskistas, para o fortalecimento das classes dominantes, com a união, por um lado, das diferentes frações burguesas, assustadas com o “perigo comunista” e, por outro, o dismantelamento do movimento operário e a ilegalidade de suas movimentações:

Das perspectivas que, por ocasião do fechamento da ANL, traçamos para o desenvolvimento ulterior da situação, realizou-se a pior variante, uma tentativa prematura de insurreição aliancista, a derrota, com o recuo de posições já alcançadas. Como conseqüência: repressão sistematizada e que ainda não encontrou resistência, o movimento operário dismantelado, a

⁴⁹ Ibid. p. 2.

⁵⁰ Ibid. p. 1.

*ilegalidade estendendo-se até campo 'constitucional' das liberdades democráticas, e da luta antifascista, as esferas dirigentes da burguesia provisoriamente, pelo menos, conciliadas e unidas em frente única contra o espantinho do comunismo, e, finalmente o Integralismo com o campo livre, com a legalidade garantida, e, justificado, histórica e politicamente perante toda a burguesia e já grande parte da pequena burguesia.*⁵¹

Para os trotskistas, o futuro que se avizinhava ao PCB era o de manter-se no *reformismo da composição de classe* e o abandono à bandeira da revolução:

*O partido stalinista quebrou a sua espinha no 'putsch' de novembro. Já não poderá voltar às suas origens bolchevistas, porque seria desmentir-se a si mesmo, e contrariar as diretivas do sétimo congresso da Internacional Comunista stalinizada, o qual não foi mais do que o seu congresso de dissolução, vindo consagrar a fusão com os reformistas da Segunda Internacional, a política de colaboração de classes, abandonando-se a luta pela revolução proletária a troco do apoio a governos burgueses 'democráticos' para 'evitar' o fascismo, a defesa nacional em regime capitalista e o social-patriotismo.*⁵²

Assim, conforme análise dos trotskistas, toda a política seguida pelo PCB no ano de 1935 só poderia ser compreendida à luz das diretrizes da Internacional Comunista, que, ao adotar a política de frentes populares no seu 7º Congresso, contribuirá para que este partido retome as suas antigas formulações do final dos anos 1920, onde a constituição do Bloco Operário e Camponês que se inspirara na experiência do Kuomintang chinês — fosse agora novamente retomada quando da constituição da ANL. Com a colocação da ANL na ilegalidade, ao invés de buscar retomar os seus vínculos com a classe operária, não só do ponto de vista organizativo mas sobretudo na questão do programa, o PCB, influenciado sobretudo pela ala prestista (que era apoiada por importantes segmentos militares do partido), opta por desenvolver uma política conspiratória e golpista, que o levaria não só à derrota política, mas também selaria o seu

⁵¹ Ibid., p. 3.

⁵² Ibid., p. 3.

destino, que acabaria ligado—segundo a LCI—à busca permanente de alianças com setores burgueses e nacionalistas:

Como partido de vanguarda proletária o atual PC está irremediavelmente condenado. O seu destino, preso para sempre ao do prestígio, é de prosseguir na política de confusão, de colaboração e de aventura. Sem perspectiva de conquistar a legalidade, mesmo com o seu novo programa vulgarmente democrático e nacionalista burguês, não lhe resta outro caminho do que enveredar pelos desvãos do conspirativismo golpista. A perda de sua base proletária e seus ganhos, à direita, entre elementos pequenos burgueses e militares, agravavam-lhe esta fatalidade.⁵³

Ao final das suas análises sobre a “questão” ANL, os trotskistas farão um chamado à luta nas novas condições políticas criadas pela repressão desencadeada por Vargas, reiterando a necessidade da formação de um novo partido operário e a constituição de uma frente única de todo o proletariado:

Cumpra pois abandonar o barco sem leme do PCB, à sua própria sorte e deixá-lo perder-se na correnteza do oportunismo. Tentar de dentro dele virar-lhe o rumo outra vez para o proletariado é tempo perdido. A correnteza que o leva é muito mais forte. Impõe-se a construção de um novo barco, que possa dentro dele reunir toda a vanguarda revolucionária da classe operária. [...] Camaradas e militantes proletários de todas as tendências! Não há tempo a perder. A derrota de agora não nos abate. Ela nos retempera e enriquece-nos com novas experiências, necessárias ao futuro triunfo. Consolidaremos essas experiências numa nova organização revolucionária da vanguarda operária, que voltará a ter por seus guias não Stálin, mas Marx e Lênin. Esta é a tarefa urgentíssima do momento e sem ela qualquer passo á frente é impossível.⁵⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A derrota do *putsch* militar de novembro de 1935 teve profundas conseqüências para o movimento operário brasileiro.

⁵³ Ibid., p. 4.

⁵⁴ Ibid., p. 4.

Em primeiro lugar, serviu de justificativa para o aprofundamento da repressão sobre a classe operária. Estima-se em 20 mil o número de prisões, sendo que Vargas, aproveitando-se do fracassado levante, colocou nas masmorras todos aqueles que se opunham ao seu governo: stalinistas, trotskistas, anarquistas, socialistas e tenentistas. A feroz repressão destroçou praticamente todas as organizações operárias, sindicais e políticas.

O PCB, após o fracasso do levante, ainda procurou justificar a sua iniciativa, dizendo tratar-se de um levante antifascista que serviria de barragem ao avanço do Integralismo e da fascistização do governo Vargas. O posterior desenvolvimento da situação política mostrou que os efeitos do *putsch* militar foram opostos aos imaginados pelo PCB: não só o Integralismo ficou de mãos livres, como Vargas, aproveitando-se do amplo apoio das classes dominantes para a repressão ao levante, acabou por desfechar um golpe de estado em novembro de 1937, assumindo a partir daí poderes absolutos.

Os trotskistas brasileiros, agrupados na Liga Comunista Internacionalista (LCI), acompanharam com vivo interesse os acontecimentos, desde a formação da ANL. Mostraram tratar-se, desde o início, de uma organização que era impulsionada pelo PCB com o intuito de substituir o partido operário, criando um movimento policlassista que abarcaria o proletariado, o campesinato, as camadas médias e até setores da burguesia nacional para dar forma à chamada revolução nacional libertadora; que não era, em sua opinião, mais que uma repetição da estratégia implementada pela Internacional Comunista na China durante os anos 1925-1927, e que teve como conseqüências a derrota da Revolução Chinesa com o massacre de milhares de operários.

O programa da ANL foi criticado pelos trotskistas: tal programa estava longe de representar as reivindicações dos trabalhadores, que vinham desde o ano de 1934 numa forte onda de mobilizações grevistas. O PCB, ao invés de se apoiar nestas mobilizações para defender um programa revolucionário, acabou por buscar em setores da burguesia aliados para a sua revolução nacional libertadora, rebaixando o seu programa às supostas necessidades da burguesia nacional, negando em síntese a própria luta de classes.

Apesar de discordarem da formação da ANL, os trotskistas não ficaram alheios ao seu desenvolvimento — defenderam desde o início a luta pela sua transformação em uma frente única operária, dotada de um programa que levantasse as reivindicações mais

sentidas dos trabalhadores. Com o fechamento da ANL, os trotskistas prognosticaram o seu esvaziamento, dada à impossibilidade da sobrevivência desta na clandestinidade. Este de fato ocorreu, pois a ANL acabou por transformar-se em uma estrutura do próprio PCB, sustentada em sua grande maioria por seus militantes.

Entre as possibilidades para o posterior desenvolvimento da ANL, os trotskistas previam que esta poderia implementar um levante armado prematuro, alertando para o fato de que, se isso viesse a ocorrer, traria graves conseqüências para o movimento operário.

Por fim, ao analisarem os levantes militares de novembro de 1935, os trotskistas irão mostrar que estes não passaram de uma quartelada militar, totalmente dissociada da participação e dos interesses dos trabalhadores. As explicações para as sucessivas guinadas políticas empreendidas pelo PCB no ano de 1935, são na opinião dos trotskistas, a falta de um claro horizonte programático, característica das organizações centristas que segundo Trotsky, oscilam com a maior facilidade, passando de posições políticas reformistas — como a de constituir a ANL — para, depois, diante de seu fracasso, passar a defender políticas esquerdistas sem qualquer base na realidade social concreta — como a idéia do levante militar de novembro de 1935.

Esta política centrista já havia sido adotada ao revés na Alemanha pelo Partido Comunista Alemão, nos anos 1930-1933, quando primeiramente os comunistas rejeitaram qualquer aliança com a social-democracia para evitar a ascensão do nazismo. Depois com a vitória de Hitler, os comunistas alemães inverteram a sua política, passando a defender uma política de frente popular e aliança não só com a social-democracia, como com setores da burguesia liberal.

Esta política de frente popular foi sancionada em julho de 1935, durante o 7º Congresso da Internacional Comunista, passando a ser aplicada neste mesmo ano no Brasil e no Chile, vindo a ser aplicada também na França e na Espanha. Como foi verificado posteriormente, a política de frentes populares levou a derrotas importantes do movimento operário em todos os países em que foi aplicada: no Brasil, com a constituição da ANL em 1935, na França, com o governo de Leon Blum, e na Espanha, com a frente popular que teve como conseqüência a derrota da esquerda na guerra civil espanhola e a ascensão do fascismo com o governo de Franco.

Segundo os trotskistas, o caminho para a consecução dos interesses dos trabalhadores estava na construção de um novo partido operário, dotado de um programa revolucionário que,

partindo das reivindicações concretas dos trabalhadores, apontasse para a revolução social — única via para a satisfação das suas necessidades. Assim, não cabia nenhuma aliança com setores da burguesia nacional, o que só acarretaria no estrangulamento da própria revolução.

Apesar de formar uma pequena organização, a Liga Comunista Internacionalista realizou análises críticas durante o período de existência da ANL. O fato de não conseguir mudar o curso dos acontecimentos não invalida as suas análises, nem justifica que elas sejam relegadas pela historiografia como tem sido feito até hoje. 70 anos depois dos acontecimentos de 1935, as análises feitas pelos trotskistas ainda conservam toda a sua atualidade.

**THE TROTSKYISTS IN THE FACE OF THE NATIONAL
LIBERATION ALLIANCE AND THE MILITARY MUTINIES
OF 1935**

ABSTRACT

This article investigates the analyses by the Brazilian Trotskyists of the International Communist League (LCI) concerning the formation of the National Liberation Alliance (ANL) and the military mutinies of November 1935.

KEYWORDS

International Communist League; Trotskyism; Communism;
National Freedom Alliance

Proletários de todos os países, uni-vos!

A Luta de Classe

Órgão Central da Liga Comunista-Internacionalista (Bolcheviques—Leninistas) — ANNO V — N. 25 — Seção Brasileira da Liga Comunista-Internacionalista (Bolcheviques—Leninistas)

A Aliança Nacional Libertadora e a Con- fusão do Movimento Operário

A Aliança Nacional Libertadora é uma tentativa de criar no Brasil um corrente intermediária entre o movimento revolucionário do proletariado, representado ainda no Brasil por liga de luta, pelo P. U. e grupos sociais isolados, e os partidos burgueses liberais, destruidos do tenentismo, etc., representantes da burguesia industrial e da pequena burguesia.

A. A. N. L. é uma invenção artificial de Kuo-mi-tang tendo nascido não da própria necessidade da burguesia nacional em atrair a massa e lutar contra o imperialismo e o capitalismo estrangeiro, mas dos erros e fracassos da política do próprio partido que se diz representante do proletariado. O fato de chamar P. U. brasileiro ter sido ordenado com tal "sucesso" prova o mesmo: que esse partido não representa os interesses verdadeiros da massa proletária brasileira, mas é a expressão mais reflexiva da realidade dos sentimentos e interesses das camadas pequeno-burguesas mais oprimidas e parte do proletariado qualificado, privilegiado, que se liga a pequena burguesia; que esse partido, como partido do proletariado revolucionário, fracassa totalmente na sua política e se vê isolado, sem ligação orgânica com a classe operária, incapaz de mobilizá-la em uma ação de massa por seu programa.

O partido stalinista então abandona ideologicamente de fato da política burguesa. Este partido, como em todo o mundo, chegou muito tarde à constatação de que as massas, no Brasil, ainda estão atiradas politicamente. Mas ele chegou a esta constatação não por uma análise marxista, objetiva, de situação, empiricamente pelo seu próprio fracasso político, pelos próprios desejos de sua ação, quando se viu, ao fim de linha os erros e que faz de toda a agitação, de todo o repulatório das últimas semanas, não ficou sem nada, afastado completamente das grandes massas profundas do proletariado, e em vez de procurar as causas verdadeiras desse fracasso e isolamento nos seus próprios erros, na sua linha política — os stalinistas cobrem no extremo oposto e pressionam a consciência política do proletariado brasileiro, e captividade de classe operária em parte de politicamente pelas suas próprias intuições tanto imediatas como históricas e revolucionárias.

O proletariado deixou de ser para o stalinismo (as afirmações em contrário são puras formalidades) a classe revolucionária, a classe dirigente e detentora da hegemonia nas lutas políticas diárias e sociais contra a grande burguesia e o imperialismo. A substituição do P. U. e A. N. L. não significa outra coisa, sobretudo não se lutar em contra toda a atividade passada, técnica ultra-regressiva e aventurista.

O partido stalinista resolve então recuar — momentaneamente (segundo os seus cálculos) a penumbra deixando a A. N. L. passar ao primeiro plano e somar a frente ou a direita dos movimentos de massa em nome da libertação nacional do Brasil.

A. A. N. L. Não é um partido, não, para justificar a sua existência, os acontecimentos do P. U. e a consciência política trabalhada e a delimitação espontaneamente, como um movimento de massa. Não é um partido mas um movimento, em si e em suas manifestações espontâneas, reação dos dirigentes da seção brasileira da L. U. estabelecido, para justificar a sua capitulação ideológica em face de pequena-burguesia.

"Partido ou movimento", o facto é que a A. N. L. é uma organização política destinada a atrair as massas por determinados objectivos políticos, recebendo adhérentes, tanto individuais como de grupos organizados e associações. Não tem a sede de Kuo-mi-tang e traços do apertado paranoico. Do ponto de vista político, o partido não está, é ele um partido "bi-partido", isto é, organização proletária e não, é ele um partido "bi-partido", isto é, organização política que pretende representar e coexistir em sua estrutura com as classes sociais. Uma frente única, conforme explicam os seus regulamentos, não é, de indivíduos, mas frente única de indivíduos — isto é, única de indivíduos que se pode ter a quem sentido — não pode e envolve uma coisa; é que se trata da realidade de um partido. Partido é a única frente única de indivíduos que é possível: vários indivíduos se reúnem com o mesmo objectivo político. No caso concreto de agora nem se trata de uma frente única de indivíduos de uma mesma classe, mas de classes diversas — grandes burgueses, pequenos burocratas, proletários, o diabo e o gato.

Por isto mesmo a A. N. L. não é um partido de classes, mas de várias classes pois que o chamamos de bi-partido, como o era o Kuo-mi-tang.

A habel ideológica que reina dentro dela é o reflexo da luta de classes. A direita, a A. N. L. crê com o "capão" a favor da direita ou as "sympathies" (os stalinistas e a escola qual a palavra adequada, deixamos a elas o gosto dos distinções gramaticais e ortográficas em matéria de política) de latifundiários autênticos, proprietários territoriais (que falam por exemplo dos pequenos lavradores e assalariados agrícolas de Ilhéus na Bahia, indolentes estipendiados de empresas imperialistas como João Mangabeira (o pai do Chico da Luta Económica) Pedro Ernesto, militares dilectos da política, genero Cato Prado, Sisson e outros expoentes da grande burguesia nacional; no centro, os elementos arrependidos ou desamparados, os "outristas" vagos depois que o Club 3 de Outubro fecha as portas, excoitados dos carquinhos do poder e da grande burguesia usando adhoc glória e força de fazer a imprensa no seu Estado, os Concordos A Cia; na "extrema" proletários e pequenos syndicalistas, mas A. Almeida, Lybster, A. Nan ou e outros subtraçadores, na eleição presidencial do nome de Daniel Vargas, profissionais da burocracia (que o digam os funcionários da Sorb. amez) e que, agora, não perderem a marinha de "representar a classe", procuram com a "adulção ou o "apoiamento" a A. N. L., redemir os braços alim de que possam apresentar-se, outra vez, as massas dos syndicalistas e não interromper a carreira tão brilhantemente iniciada; finalmente, a esquerda, Luis Carlos Torres, segundo de novo, mas desta vez em Moacuz, "Cavallero da Esperança" e que, parece, vem voltar como um belizano triunfante, se placez a sena, para salvar a patria da opressão estrangeira (exatamente como o previsto há 3 annos passado) e o proletariado em condições políticas, que, talvez apenas foi baseado de catemina pelos stalinistas). E, além, incluindo a "extrema", pelo evidente, o partido stalinista. Je est plus decomposto como diluente, ideologicamente desmoralizado, imerso no confuso (confusão-burgueses e não na sua, e chegar um inconsciente estúpido de que "seja" o programa e não "seja" e que a A. N. L. não é um partido mas uma frente única de indivíduos etc., etc.

(Continua na 2ª página)

Primeira página do órgão da Liga Comunista Internacionalista, em 1935. *A Luta de Classe*, [Rio de Janeiro], n. 25, 25 jun. 1935. (Coleção particular de Dainis Karepovs.)